

FORNECIMENTO DE ENERGIA CONTINUA PRECÁRIO



“Electra atrasou-se nos investimentos”

Os investimentos recentes feitos pelo governo na Electra, com apoio de instituições internacionais como o Banco Africano de Desenvolvimento, trouxeram expectativas, mas os cortes de energia que se verificam um pouco por todo o país (com maior incidência e frequência na Praia e Santo António) encarregaram-se de as dissipar. Assim, enquanto os cabo-verdianos vivem às escuras e com a sensação de estar perante um caso sem solução, os envolvidos neste blackout ao desenvolvimento do país esgrimem os argumentos, mas não apresentam remédios a curto prazo. Veja na reportagem publicada nas páginas 12 a 14, o que diz o ministro da Economia, João Pereira Silva, o administrador da Electra, Rui Santos, e Leonildo Monteiro, do CA da empresa. Mas saiba também o que pensam as “vítimas” da Electra.



Prostituição masculina no Sal

Págs. 18 e 19

PRESIDENCIAIS

Filú continua disponível

Pag. 2

MAIO

MpD nas mãos de Ribeiro

Pag. 4

LANCE

DGD e Federação de Andebol em pé de guerra

KRIOLIDADI

Mindelact, o melhor de África

PRESIDENCIAIS

A questão presidencial pode abrir uma ferida no seio da família do PAICV, principalmente se o assunto não for devidamente gerido pelas partes nela envolvidas. Numa altura em que se tem praticamente como certa a recandidatura de Pedro Pires, dos potenciais candidatos ligados ao PAICV que se haviam posicionado na corrida, Felisberto Vieira é o único que se mostra insatisfeito, mantendo de pé o seu projecto presidencial.



Filú mantém candidatura

Pedro Pires ainda não disse, publicamente, se é ou não candidato à sua própria sucessão. Mas dela ninguém mais parece ter dúvidas, sobretudo depois de lidas as entrelinhas da entrevista que concedeu a este jornal na sua anterior edição. Conforme deixa a entender, apenas por uma questão de calendário aquele que é considerado o animal político caboverdiano mantém este assunto em aberto. Mas dentro em breve dirá “*se sim, se não*” àqueles que o querem continuar a ver investido na pele de chefe de Estado. E isso, ao que **A Semana** apurou, deve acontecer, o mais tardar em Novembro, se não for antes.

Se publicamente é o máximo que podia dizer no momento em que foi entrevistado, intramuros, sobretudo a nível do PAICV, a candidatura presidencial de Pedro Pires é algo que já se encontra em marcha. Inclusive **A Semana** apurou que o assunto foi tratado há poucos dias pela Comissão Política tambarina e se decidiu que o PAICV deve preparar-se convenientemente para as implicações dessa

eventualidade, na mesma linha do que vem fazendo em relação às legislativas.

Dado o sinal de recolher, na área do PAICV, os nomes que despontaram nos últimos meses como potenciais candidatos presidenciais começam a retirar-se, até porque quase todos afirmaram que só seriam candidatos caso Pedro Pires não o fosse. São os casos de Manuel Inocêncio Sousa e Silvino da Luz. Por agora, o único que parece destoar do grupo é Felisberto Vieira.

Seguro de que Pedro Pires não se iria recandidatar, Filú investiu forte em termos políticos e financeiros no seu projecto presidencial, desdobrando-se em contactos no país e na emigração e mobilizando apoios para a sua causa. Agora que Pires dá sinais de que, afinal, é sim candidato, o autarca da Praia dá mostras de não estar nada satisfeito com o esfumar do seu sonho presidencial e muito menos com a forma como a questão foi tratada.

Um desses sinais foi a não comparação de Felisberto Vieira à tal reunião da Comissão Política onde a questão presidencial foi analisada. Aos seus mais íntimos Filú não esconde a decepção e a dor que lhe vai

na alma, sobretudo porque entrou de cabeça na preparação da sua candidatura porque Pires lhe tinha garantido que a sua missão na PR terminava em 2006. Por isso, e quanto mais não seja pelo peso que acha ter dentro da máquina tambarina, Filú acha que merece mais respeito, pelo que este é um assunto que tem de ser devidamente analisado e discutido, sob pena de ter de reanalisar a sua relação com alguns dos implicados nesta história, isto é, com Pedro Pires, de quem é tido como herdeiro político, e do presidente do PAICV, José Maria Neves, de quem espera um papel mais “*federador e catalisador*” dentro do partido.

No entender de Felisberto Vieira, JMN tem de encontrar um espaço dentro do partido para se discutir a questão presidencial, sem tabus e com clareza. Fora isso, diz continuar a ser o “*bom soldado do PAICV*” que sempre foi, pronto para todos os combates, particularmente contra o seu principal adversário que é o MpD.

Entretanto, num outro nível, o jornal electrónico *Visaonews* revelou que David Hopffer Almada, que concorreu às presidenciais de 2001, se prontificou a apoiar Pedro Pires em 2006. Contactado porém por **A Se-**

mana Hopffer Almada recusou-se a pronunciar-se sobre o assunto, alegando não ser este o melhor momento. “*Impus a mim próprio não me pronunciar sobre as presidenciais durante algum tempo*”, afirmou, sem clarificar até quando manterá este voto de silêncio. Depois disso, este jornal apurou de fonte fidedigna que DHA deve concorrer como candidato independente nas listas do PAICV às legislativas de 2006, o que naturalmente reforça a notícia de *Visaonews*.

No lado oposto da corrida presidencial encontra-se, como é sabido, Carlos Veiga, que também ainda não clarificou se é ou não candidato em 2006. **A Semana** está todavia em condições de afirmar que CV está a preparar-se para o embate, apesar das “*fitas*” que tem feito em torno desta questão. Segundo uma fonte, igualmente credível, aquele jurista e bastonário da Ordem dos Advogados já revelou aos seus colaboradores de gabinete que trabalha até 31 de Dezembro. Neste momento acompanha o presidente do MpD, Agostinho Lopes, na viagem que este vem fazendo à Europa para mobilizar apoios junto dos emigrantes, empresários e organizações políticas.

PR NA ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

Pires encontra-se hoje com George W. Bush

O presidente da República encontra-se hoje, em Nova York, com o seu homólogo dos EUA, George W. Bush, bem como com o secretário-geral da ONU, Koffi Annan, e vários outros chefes de Estado que participam naquela cidade americana na 60ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Ontem, ao discursar nesse fórum mundial, Pedro Pires defendeu relações mais justas e solidárias entre os países que integram a comunidade internacional.

Pedro Pires, que falava para cerca de 200 chefes de Estado e de governo do mundo, defendeu ser urgente a criação de um mecanismo susceptível de favorecer o desenvolvimento económico dos países mais pobres no seio da ONU. “Considero um imperativo para a comunidade internacional eleger como prioritário o aperfeiçoamento e a consolidação da nossa Organização universal e as suas instituições, a fim de assegurar uma melhor governação mundial, que seja democrática, participativa e eficaz, e susceptível de garantir uma maior segurança humana, a qual poderá, por seu turno, induzir a um desenvolvimento durável”, afirmou.

Numa data importante, os 60 anos da criação das Nações Unidas, Pedro Pires lembrou que, apesar da contribuição inestimável que a ONU tem feito em prol da liberdade, solidariedade e aproximação entre os povos, aquela organização “não conseguiu atingir a totalidade dos seus objectivos, como por exemplo a redução da pobreza”.

N, trabalhos da 60ª sessão da Assembleia Geral da ONU centraram-se, este ano, na reforma dessa organização, um tema que, entretanto, não conseguiu reunir os consensos necessários, pelo menos por enquanto, entre os vários estados. Esta reforma passa pelo alargamento do Conselho de Segurança, o órgão executivo da ONU, que conta actual-

mente com 15 membros, cinco permanentes e dez não permanentes.

De referir que uma dos candidatos a um lugar permanente no CS é a Alemanha que, com o Brasil, a Índia e o Japão, integra o chamado “Grupo dos Quatro”, criado com o propósito de promover a entrada destes países naquele órgão. Do lado africano, encabeçam a lista a África do Sul, Senegal, a Nigéria e a Angola, não tendo contudo o chamado Grupo Africano chegado também a um consenso sobre qual destes países deve apoiar.

Paralelamente a esta assembleia, o chefe do Estado mantém uma intensa actividade diplomática nos bastidores da ONU. Além de encontros e sessões de trabalho com Koffi Annan, Pedro Pires tem previstos para hoje encontros com os presidentes dos EUA, George W. Bush, bem como com os seus colegas da África do Sul, Portugal, Brasil, Nigéria, Moçambique, Togo e ainda com o vice primeiro-ministro do Luxemburgo.

Entretanto, após participar nos trabalhos da Assembleia Geral da ONU, Pedro Pires fará uma visita à comunidade cabo-verdiana de Nova Jersey e Nova Inglaterra. De regresso ao país fará uma curta escala técnica em Lisboa, onde encontrar-se-á com a comunidade cabo-verdiana ali residente.



Sexta-feira, 16 de Setembro de 2005

Actualidade

Partidos preparam listas para as legislativas

Os dois principais partidos já estão a elaborar as listas para as eleições legislativas do próximo ano. E, neste quadro, algumas revelações começam a surgir, sobretudo da parte do PAICV. David Hopffer Almada e Onésimo Silveira são algumas das aquisições tamberinas para a nova temporada parlamentar que aí vem.

As próximas eleições legislativas estão à porta e os partidos começam a preparar as respectivas listas para a nova temporada política. No PAICV a coisa começa a ganhar forma, sobretudo a nível dos cabeças-de-lista. O recurso a independentes é uma das apostas desse partido, que nalguns casos poderá ter gente não militante a encabeçar os seus candidatos. É o caso, por exemplo, do ex-emigrante José Domingos Lopes, que deve liderar a composição da ilha da Brava.

Duas outras novidades, também a nível de independentes, deverão ser David Hopffer Almada e Onésimo Silveira. O primeiro poderá integrar o grupo de candidatos da Praia ou de Santa Catarina e o segundo o de São Vicente, mas não como cabeça-de-lista. No caso da ilha do Porto Grande esse privilégio voltará a caber a Manuel Inocêncio Sousa, um dos homens-fortes do actual partido no governo, do mesmo modo que José Maria Neves encabeçará a lista da Praia. Um outro dado adquirido é José Manuel Andrade a encabeçar a lista de

Santa Cruz e Vera Almeida a do Paul.

Se nalguns casos a situação está praticamente resolvida, noutros persistem ainda algumas dúvidas, que deverão ser ultrapassadas através de negociações internas com as várias estruturas do partido. No PAICV as bases indicam geralmente à Comissão Política as suas preferências, podendo esta acatar ou não a sugestão.

Assim, a nível dos Mosteiros, a cúpula tambarina está a jogar com duas hipóteses: Júlio Correia e Sidónio Monteiro. Uma outra possibilidade é Correia encabeçar a lista de São Filipe, deixando Monteiro com Mosteiros.

No Sal, Basílio Ramos e Sara Lopes são os dois mais fortes candidatos, enquanto na Boa Vista os nomes de que se falam são Aristides Lima e João Pereira Silva. O mesmo tipo de dúvida se coloca a nível do Porto Novo: Alberto Joséfá Barbosa, Carlos Alberto Delgado e Rosa Rocha são os nomes que estão na balança. O mesmo acontece na Ribeira Grande, onde Amadeu Oliveira, Armindo Maurício e Januário Nascimento surgem como possibilidades a ter em conta.

No MpD, tirando os casos óbvios (Agostinho Lopes, Praia; Rui Figueiredo, São Vicente; Jorge Santos, Ribeira Grande; Jorge Nogueira, São Filipe), esse partido debate-se com algumas situações delicadas. Uma delas é a dos Mosteiros. Aqui há três galos para o

mesmo poleiro: o actual deputado Francisco Barbosa Amado, Casimiro de Pina e Lourenço Lopes.

Até ao escândalo da alegada violação sexual de uma jovem do seu concelho, Lourenço Lopes estava bem posicionado para o lugar, apesar de poucos dias antes ter sido afastado da coordenação do MpD nos Mosteiros. É que Lopes deu a cara duas vezes pelo partido nas autárquicas (2000 e 2004), e foi, sobretudo, um firme apoiante de Agostinho Lopes na disputa da liderança do partido. E por isso tinha assegurado os frutos desse investimento político. Porém, com o referido escândalo, Lopes é hoje tido como carta fora do baralho, para satisfação dos seus dois concorrentes.

Uma outra situação que o MpD tem de gerir com alguma cautela é a do Porto Novo, onde os interesses e as ambições encontram-se atizados. António Fonseca, Aníbal Fonseca, Cláudio Santos, Joel Barros e um quinto nome que não foi possível apurar são os pretendentes ao lugar. A solução aqui vai ser encontrada através de uma sondagem junto dos militantes, à semelhança de outros pontos do país onde não houver “cabeças de listas naturais”. É o caso também do Sal, onde a disputa gira neste momento em torno de quatro figuras, bem como o do Maio, onde já líquido que Adalberto Silva (Betú) decidiu “apresentar-se” (ver página 4). A presidente

da Assembleia Municipal, Joana Rosa, o coordenador local do MpD, Emílio Agues, e Alexandre Anes, um egresso do PRD, são os nomes referidos.

Embora jogando num outro escalão, mas estimulado pelos resultados que obteve nas últimas eleições autárquicas em São Vicente, a UCID está decidida a entrar na Assembleia Nacional pelas portas dessa ilha. António Monteiro é o nome tido como seguro para seu cabeça-de-lista nas legislativas de 2006.

A elaboração das listas para as legislativas costuma ser um dos momentos mais complexos e dramáticos na vida dos partidos políticos, sobretudo em se tratando de partidos com vocação do poder, como são os casos do PAICV e do MpD. E neste processo sensível - e que quase sempre deixa marcas, mágoas e amuos - os partidos têm que juntar à sempre legítima vontade de vencer às diversas sensibilidades existentes no seu interior, gerir ambições e egos de cada um, ponderar as quotas de tudo e mais alguma coisa (mulher, juventude, região, classe social...), subtrair os conflitos e chegar a um resultado que agrade o quanto baste aos seus militantes, amigos e simpatizantes. Mais ainda, ao eleitor que é quem acaba por decidir na urna o destino de cada um. Daí que, no fim de tudo, cada lista acabe por ser o que é ou foi possível fazer.

JVL/CP

MANUEL RIBEIRO RESISTE E AVISA AO MPD



Manuel Ribeiro recusou o pedido do MpD para se auto-afastar da Câmara Municipal do Maio, avisando que se cair, cairão com ele todos os envolvidos no caso da venda de terrenos e que supostamente estão ligados àquela força política. O MpD é por isso, neste momento, refém de Ribeiro, uma relação que poderá revelar-se fatal para aquela força política na ilha do Porto Inglês.

“Se eu cair, caem todos”

A missão enviada, no início desta semana, pela cúpula do MpD ao Maio, para convencer o presidente da Câmara Municipal dessa ilha a demitir-se, revelou-se um fiasco. Pelo contrário, Victor Coutinho e Jorge Nogueira, respectivamente vice-presidente e secretário-executivo nacional do MpD, ouviram de Manuel Ribeiro um aviso que os deixou estarecidos: “*Se eu cair, caem todos*”.

Instado pelos seus interlocutores a clarificar o que queira dizer com isso, Ribeiro não se fez rogado. Esclareceu que não está sozinho no caso da venda irregular e ilegal de terrenos públicos e privados, e que por isso não se irá demitir. “*Não estou sozinho, há muita gente metida nesta cachupada*”, terá dito.

Embora o real motivo da missão de Coutinho e Nogueira, noticiada em primeira-mão por **A Semananaonline** tenha sido negado na terça-feira, 13, pela vice-presidente do MpD, Filomena Delgado, há muito deixou de ser segredo na ilha que a direcção ventoinha quer ver Manuel Ribeiro pelas costas. Aliás, esta nem sequer é a primeira vez que o MpD aconselha o autarca a afastar-se da Câmara Municipal...

Com efeito, há cerca de um mês, o mesmo Jorge Nogueira, que agora viajou com Victor Coutinho, esteve na ilha com Rui Figueiredo Soares, tendo o assunto sido afluído com Manuel Ribeiro. Inclusive, num encontro com militantes e amigos do MpD, foi dito que, diante da gravidade das acusações que sobre ele pendem, Ribeiro devia renunciar para liberar

o partido das eventuais consequências das “calúnias” de que estava a ser alvo.

Melhor, Ribeiro devia poupar o MpD, responder na justiça às acusações contra ele e processar os seus caluniadores. E, uma vez resolvido o caso, poderia voltar a concorrer à CMM com o apoio do MpD, como acontece desde 2000, quando rompeu com o MUPAD, o PAICV e o PCD, bandeando-se para o outro lado. Com o último artigo de **A Semana**, a direcção do MpD sentiu a necessidade de reforçar o seu pedido junto de Ribeiro indo ao Maio, já que o mesmo não se ausenta da ilha há vários meses.

E não tendo conseguido o seu objectivo, só restou aos emissários do MpD manter a fachada de que não se passa nada e que tudo é fruto de uma perseguição do PAICV à Câmara do Maio. Foi, aliás, esta a mensagem que os dois altos dirigentes procuraram transmitir à minúscula assembleia de militantes e amigos realizada na vila do Porto Inglês, esta semana. O fiasco do encontro foi tal que um dos “visitantes” se insurgiu contra o coordenador local do MpD, Emílio Agues, por este não ter conseguido mobilizar mais gente, além dos poucos idosos que formaram a plateia, numa ilha onde a juventude é importante.

De acordo com as fontes deste semanário, no Maio e na Praia, Manuel Ribeiro decidiu que não vai sucumbir sozinho ao cerco que se está a apertar à sua volta. Ele entende que, se sair agora, ficará sozinho, entregue à sua própria sorte, e que permanecendo no cargo terá

consigo o resto do executivo camarário (leia-se o MpD), com quem divide as responsabilidades por aquilo de que é acusado. Afinal, muitos dos beneficiários da venda e doação de terrenos é gente ligada e afecta ao MpD, mas não só. Ademais, o próprio Ribeiro já anunciou que se vai retirar da política e que este é o seu último mandato à frente da CMM.

Ou seja, Ribeiro sabe, por conta própria, o que o aguarda. Por exemplo, ouvidos pelos inspectores da IGF, todos os seus vereadores lavaram as mãos no caso dos terrenos, atribuindo-lhe as culpas pelo ocorrido nos respectivos depoimentos. Se a nível da ilha a solidariedade de que fala a direcção ventoinha é esta, ele, Ribeiro, decidiu resistir até ao último minuto, agarrado ao MpD enquanto puder. Isso quando se sabe que as relações entre ele e aquele partido foram sempre ditadas pela conveniência política. A forma como se deixou fisgar, em 2000, pelo MpD, deixando os seus apoiantes de 1996 a ver navios, por si só daria um romance, com muito mistério e suspense à mistura.

Mas Manuel Ribeiro não é neste momento a única dor de cabeça do MpD no Maio. A escassos meses das próximas eleições legislativas, esse partido procura quem queira ser o seu cabeça de lista, visto que Adalberto Silva (Betú), afectado ou não com o que se passa na ilha, não pretende continuar como deputado. Alega que lhe bastam os 15 anos nesse papel e que é chegada a hora de se “apostar” (ver página 3).

A crise continua

O último artigo de **A Semana** sobre o caso dos terrenos na ilha do Maio trouxe, mais uma vez, ao de cima a crise que há vários meses vem lavrando naquela parcela de Cabo Verde. A direcção do PAICV, que se tem mantido relativamente reservada em relação a este assunto, tomou posição pública e instou o governo a não deixar a culpa morrer solteira.

No dia seguinte foi a vez do MpD, através da sua vice-presidente Filomena Delgado, rebater o PAICV, retomando o argumento de perseguição e “assassinato político” do presidente da CMM. Aquela dirigente acusou o governo de estar, de uma “forma irresponsável e ilegítima”, a pressionar as “autoridades competentes” pelo desenrolar do processo. Crítica semelhante fora lançada um dia antes por Mário Matos, secretário geral do PAICV, que acusou o MpD de estar a branquear a imagem de Manuel Ribeiro, usando o argumento de “perseguição política”.

Sem recusar desta feita, categoricamente, no caso dos terrenos do Maio, mas sem negar também, no que ainda é possível, a sua solidariedade a Manuel Ribeiro, o MpD fez uma fuga em frente, apontando noutra direcção: a das alegadas “gravíssimas denúncias de irregularidades nas Câmaras Municipais da Praia e de S. Filipe”. Exigindo igual tratamento dos casos, Filomena Delgado estranhou o que diz ser a “total passividade do Governo do PAICV” face a estes casos, dos quais não avançou mais pormenores.

As afirmações de Filomena Delgado mereceram a reacção do presidente da CM de São Filipe, Eugénio Veiga, para quem o MpD está à procura de uma forma de se safar do caso do Maio, não se importando com isso de caluniar uma câmara que sempre zelou pelo cumprimento das suas obrigações.

Quem também reagiu foi o Ministério das Finanças e Planeamento. Em comunicado este desmente que o presidente da CMM e demais órgãos tenham tomado conhecimento do relatório no mesmo dia em que **A Semana** pôs na rua a sua reportagem, como foi dito por Filomena Delgado. Também diz que todos envolvidos no caso tiveram o direito ao contraditório, no caso de Ribeiro, em mais de uma ocasião.

“*Em consequência não corresponde à verdade que as autoridades municipais tenham acedido aos autos após a publicação do relatório na imprensa*”, diz o MFP, que reafirma o seu propósito de dar combate ao desperdício, à fraude e à corrupção, responsabilizando os infractores em sede própria, sem discriminação de que tipo for. “*Isto a propósito das pretensas graves irregularidades e ilegalidades cometidas pelas gestões camarárias da Praia e São Filipe*”, acrescenta.

Entretanto, visto que **A Semana** foi referida pela vice-presidente do MpD, este jornal aproveita para dizer que o relatório da IGF relativo ao Maio há muito foi dado a conhecer e discutido, na ilha, por alguns elementos do próprio MpD. Por isso, a inconfidencialidade do documento era tal que só não o apanhou quem não quis. Os restos são respingos de uma m... que só atingem quem não está seguro do que faz ou diz e tenta manobras de diversão e fugas em frente para pintar “*oficiosamente*” verdades indesmentáveis.

DIREITO RESPOSTA

Exma. Senhora
Directora do Jornal “A Semana”

Na última edição do V/jornal (9/9/05), na destacada reportagem sobre o “CASO DOS TERRENOS NA ILHA DO MAIO” o meu nome vem associado a “*conjecturas*” difamatórias e maldosas, pelo que, reclamando o direito de resposta, solicito a publicação, com o mesmo nível de destaque, dos seguintes comentários:

1. A solidariedade que publicamente manifestei ao Presidente da Câmara do Maio é política, em reacção à investida que desde sempre me pareceu também de motivação política, como, aliás, se vem demonstrando.
2. A responsabilidade da Assembleia Municipal relativamente à venda de terrenos foi devidamente esclarecida na declaração prestada por mim no decorrer do inquérito da IGF.
3. Recordando a declaração que prestei e a propósito de “con-

jecturas”, pergunto se eu também não devia conjecturar motivações estranhas à função de inquiridor quando se tentou passar-me um texto com afirmações que não produzi?!

4. O facto de Adalberto Silva ter sido presidente da Assembleia Municipal não lhe dava mais autoridade ou mais legitimidade na fiscalização da Câmara Municipal do que aos restantes deputados municipais, inclusive os do PAICV.
 5. “*O que fez correr*” Adalberto Silva (e fará sempre) é o nojo de patifaria.
- Com os meus antecipados agradecimentos

Adalberto Silva (Betú)

NR: Pelos dados apresentados, a citada patifaria está, afinal, instalada na CMM e ao que tudo indica com o conhecimento do signatário acima. É sempre bom que se saiba quem são os patifes nesta terra.

EMBAIXADOR DE CUBA na hora di bai



O embaixador de Cuba em Cabo Verde, Raul Rodriguez Ramos, está de malas feitas para regressar ao seu país, após quatro anos nestas ilhas. Na hora di bai concede esta entrevista ao A Semana em que fala dos projectos que deixa por concretizar. O destaque vai para um documentário, que deverá iniciar em Novembro e que vai abordar as relações históricas entre os dois Estados. Evélio Dorta, antigo embaixador cubano em Maputo, é o diplomata de carreira que vai substituir Raul Rodriguez Ramos. Dorta chegará a Cabo Verde em inícios de Outubro.

Por: PAULA MOSSO

Na hora da partida qual o balanço que faz dos quatro anos que esteve à frente da embaixada cubana em Cabo Verde?

- É sempre difícil fazer um balanço do trabalho diplomático. Sobretudo quando as relações de cooperação entre Cuba e Cabo Verde são de longa data. Nos últimos quatro anos, Cuba ofereceu a Cabo Verde cerca de 40 bolsas, um número inferior comparado com os anos anteriores visto que, nesses anos, as necessidades também eram superiores. Podemos dizer que nos últimos anos formaram-se em Cuba 120 médicos cabo-verdianos, professores do ensino secundário, engenheiros, economistas. E esta vertente de formação dos recursos humanos não pára, continua e continuará.

Neste momento estamos também dispostos a contribuir para a formação da nova universidade pública de Cabo Verde. Já temos uma experiência em Cabo Verde, em anos anteriores, e actualmente, no Instituto Isidoro Graça, em São Vicente, temos oito professores universitários a dar aulas. Também temos uma equipa de 40 médicos distribuídos por seis ilhas do arquipélago, e uma equipa de 15 especialistas, entre engenheiros e médicos veterinários, que estão a trabalhar em quatro ilhas, no programa especial de segurança alimentar.

Também celebrámos duas jornadas científicas cubano-cabo-verdianas para a saúde onde foram debatidos temas importantes da saúde cabo-verdiana. E esta semana aconteceu a segunda jornada agropecuária cubano-cabo-verdiana. Ou seja, são eventos científicos para incrementar e melhorar o desempenho dos especialistas cubanos e cabo-verdianos aqui no país. No pla-

no cultural foi feito um esforço extraordinário pois fizemos três mostras de cinema cubano na Praia, uma sessão especial de cinema sobre o ambiente sócio-económico do século 19, uma mostra de cinema cubano em Santo Antão e uma outra em São Vicente. Também efectuámos duas exposições de fotografias, de um realizador cubano residente em Cabo Verde, e uma exposição de pintura cubana.

Em 2003 Cuba dedicou a Cabo Verde o festival Wemilere que se realiza todos os anos, destacando um país de raiz africana. O mesmo teve um grande impacto já que uma importante delegação cabo-verdiana viajou até Cuba. Em Julho deste ano, o escritor Germano Almeida visitou Cuba e uma outra destacada personalidade cabo-verdiana, o poeta Corsino Fortes, participou no festival internacional de poesia. No plano cultural, estamos trabalhando para diversificar as relações culturais.

Tanto o Ministério de Cultura de Cuba como o de Cabo Verde gostariam de ter um intercâmbio mais forte, mas como financeiramente é difícil e estamos longe um do outro, temos de encontrar uma forma de ultrapassar este obstáculo.

Não queria deixar de me referir à recente visita do presidente Pedro Pires a Cuba, o que contribuiu para fortalecer ainda mais esta relação que existe entre os dois países e a cada dia que passa vai fortalecendo. Neste momento, em termos de cooperação posso dizer que estamos num nível óptimo, a todos os níveis.

- Deste balanço existe algum projecto que deixa por fazer, ou existe algo que gostaria de fazer e que não teve oportunidade?

- Temos um projecto de um documentário sobre as relações históricas e de ami-

zade entre Cabo Verde e Cuba. Relações históricas porque o projecto é uma rota desde a época em que os escravos de África passavam por Cabo Verde rumo à América. Muitos desses escravos que fizeram escala em Cabo Verde foram para Cuba. Recentemente a embaixadora de Cabo Verde em Cuba, durante uma visita que fez ao Oriente da ilha, encontrou uma família cujo apelido é Cabo Verde. A origem desta família é de escravos e os seus antepassados estiveram em Cabo Verde. O projecto, que é financiado pelos dois países, vai ter como realizador Omar Perez Hernandez e deverá iniciar-se em Novembro. Contudo, tudo está ainda nas mãos dos dois países que devem determinar a data exacta do início. Este documentário será uma grande contribuição para o conhecimento da cultura de Cabo Verde e de Cuba e mostrará as semelhanças existentes entre as duas nações. Estamos a pôr toda a nossa força para que siga adiante.

- Este documentário que deverá iniciar-se em Novembro ficará sob a alçada do novo embaixador. Quem o vai substituir?

- O novo embaixador já está designado pela parte cubana, tem já a aprovação da parte cabo-verdiana e deverá chegar a Cabo Verde em inícios de Outubro. Seu nome é Evélio Dorta e é um diplomata com uma vasta experiência de trabalho. Já foi embaixador em Moçambique e ocupou outras responsabilidades tanto no exterior como em Cuba, no Ministério dos Negócios Estrangeiros. É uma das melhores escolhas que Cuba poderia fazer para seguir fortalecendo as relações entre os dois países.

- Na hora di Bai qual a maior saudade que leva de Cabo Verde?

- A maior saudade que se leva de um país onde se trabalhou tanto tempo é a relação humana, os laços estabelecidos tanto a nível oficial como a nível pessoal. É um factor essencial e é normal ficar com essa saudade. Mas dá-nos força saber que Cuba e Cabo Verde têm essa relação tão especial. Estamos perto, do ponto de vista humano, sentimental e portanto vamos continuar com esta relação através da embaixada de Cabo Verde em Cuba, do contacto com os cabo-verdianos que visitem Cuba. Agora em Novembro vai-se festejar, em Cuba, o 45º aniversário do Instituto Cubano da Amizade com os Povos. E existe um plano de celebração para o qual os amigos do mundo inteiro estão convidados a visitar Cuba de 3 a 17 de Novembro com um programa de actividades e solidariedade histórica, de conhecimento do país. Este evento tem o propósito de juntar os amigos de Cuba, as pessoas que ajudou a formar, gente que por lá passou numa etapa determinada da sua vida. Um importante grupo de cabo-verdianos deverá participar neste encontro de mais de cem países. Será também uma oportunidade, para aqueles que não conhecem Cuba, de conhecer esta pérola do Caribe, trocar ideias e sonhos com jovens e menos jovens de mais de 100 países que vão estar presentes em Cuba.

- Alguma mensagem especial ao povo das ilhas?

- Na hora di bai uma saudação especial ao povo cabo-verdiano que me brindou com essa guarida familiar e morabeza própria. Um "saludo" especial para a comunidade cubana residente em Cabo Verde, e um "abrazo bien grande" a todos os graduados em Cuba que são os verdadeiros embaixadores que no dia-a-dia testemunham essa relação que une os dois países e povos.

FRICÇÕES NO MPD/BOA VISTA

O presidente da Câmara da Boa Vista e o coordenador local do Movimento para a Democracia (MpD) entraram em rota de colisão, com o responsável ventoinha a acusar a edilidade de, no seu relacionamento com as pessoas, estar menos dialogante. José Pinto Almeida insurgiu-se dizendo “não aceito ordens, nem do presidente do MpD” e que Costa “deve estar à procura de protagonismo”. Costa desdramatiza e diz que se limitou a fazer uma comparação entre os dois mandatos. Já Pinto Almeida fechou-se em copas.



Pinto Almeida e Amílcar Costa em rota de colisão

Após discussões públicas presenciadas por várias pessoas e que culminaram com o afastamento de Amílcar Costa do cargo de secretário da Assembleia Municipal, sem nenhuma explicação, esses dois políticos, curiosamente ambos com responsabilidades a nível do maior partido da oposição, MpD, partiram para a troca de galhardetes na imprensa. Essa pendência, que começa a incomodar alguns sectores ventoinhas na ilha, subiu à última sessão da Assembleia Municipal onde foi objecto de um debate acirrado.

Amílcar Costa garantiu-nos que na po-

lítica não defende ninguém, nem mesmos os seus colegas de partido. “O que eu falei é uma constatação pública. Limitei-me a fazer uma comparação entre o primeiro e o segundo mandato e constatei que há falta de diálogo e que esta Câmara está menos activa. Há uma quebra nítida, sobretudo a nível do relacionamento com as pessoas”, reforça o coordenador do local do MpD, para quem, felizmente, o ‘abrandamento’ da Câmara não tem reflexos directos na vida partidária. Ao contrário, o “MpD -Boa Vista está bem e recomenda-se, não obstante o pouco trabalho feito”,

reconhece Amílcar Costa, lembrando ainda que a actual estrutura do partido está “na ilegalidade” por volta de renovação dos seus órgãos.

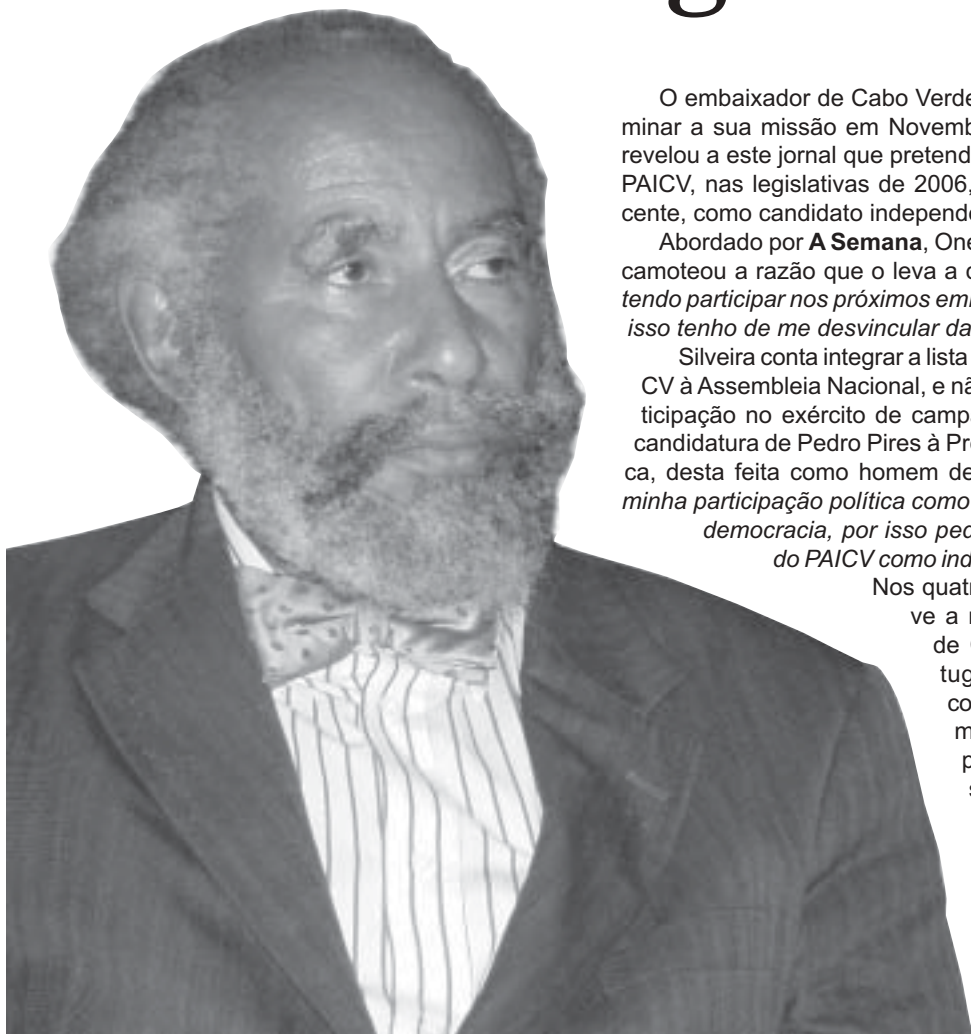
O presidente da Câmara da Boa Vista, órgão suportado pela MpD, não rebate as críticas de Costa. Ao jornal “Horizonte” disse que “Costa deve estar a procurar protagonismo”. E mais, “diálogo não existe porque ele tenta dar ordens ao presidente da Câmara. E o presidente não aceita ordens de quem quer que seja. Nem do líder do MpD”.

Uma resposta seca que, segundo pes-

soas da ilha abordadas por A Semana, revela o clima reinante no seio desse partido. “A bancada do MpD na AM está a atirar pedras entre si. O clima ficou tenso depois que o presidente declarou que não fará campanhas para as legislativas, porque foi eleito para servir a população e a ilha da Boa Vista. E mais, depois que ele afirmou na AM que não vai concorrer a mais nenhum mandato”, frisa a nossa fonte, para quem o MpD quer lançar outro candidato e para isso vai tirando mérito a Pinto Almeida desde já.

Constância de Pina

Onésimo regressa em Novembro



O embaixador de Cabo Verde em Lisboa deve terminar a sua missão em Novembro. Onésimo Silveira revelou a este jornal que pretende integrar as listas do PAICV, nas legislativas de 2006, pela ilha de São Vicente, como candidato independente (ver página 3).

Abordado por A Semana, Onésimo Silveira não escondeu a razão que o leva a dar esse passo: “Prendo participar nos próximos embates eleitorais e para isso tenho de me desvincular da diplomacia”.

Silveira conta integrar a lista de candidatos do PAICV à Assembleia Nacional, e não descarta a sua participação no exercício de campanha da eventual recandidatura de Pedro Pires à Presidência da República, desta feita como homem de terreno. “Entendo a minha participação política como útil a Cabo Verde e à democracia, por isso pedi para integrar a lista do PAICV como independente”, sublinha.

Nos quatro anos em que esteve a representar o Estado de Cabo Verde em Portugal Onésimo Silveira colocou na agenda algumas questões que se prendem com a presença cabo-verdiana naquele país europeu, principal parceiro externo deste arquipélago.

A mudança passou pela forma como funciona o serviço consular

cabo-verdiano, tido durante muitos anos como o calcanhar de Aquiles da administração cabo-verdiana em Lisboa. Agora os utentes têm um consulado que, além estar dotado de uma sala de leitura e atendimento a estudantes, também está aberto aos fins de semana. Silveira procurou igualmente estreitar as relações entre a embaixada e as diversas comunidades, tornando-se uma presença habitual nos vários bairros onde vivem os cabo-verdianos.

Nas relações com as autoridades portuguesas, Onésimo Silveira não passou despercebido. Tido como “pouco diplomático”, insurgiu-se várias vezes contra o que considera tratamento inadequado dado aos cabo-verdianos por parte das instituições lusitanas, particularmente as de imigração, recusando o epíteto de “minoría étnica”.

“Portugal e Cabo Verde têm um nível de relações históricas e culturais que não se coaduna com o tipo de tratamento que é dado actualmente aos nossos compatriotas”, afirma. “Por isso, estranha-me que haja alguém em Cabo Verde que, em vez de me apoiar nesta luta, prefere me condenar, colocando-se numa situação de clara subserviência em relação às autoridades portuguesas que em nada nos dignifica”.

Até porque o assunto está em vias de ser resolvido. Sim, esta semana houve um encontro de trabalho entre os ministros dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde e Portugal, onde o assunto foi abordado. Segundo Onésimo Silveira, que participou na reunião de Victor Borges e Freitas do Amaral, a questão de os cabo-verdianos serem tratados como “minoría étnica” foi abordada de “maneira positiva” pelos dois governantes, e Freitas do Amaral se comprometeu a analisar a situação. JVL

Aeroporto da Praia pronto para receber voos comerciais

A task force que irá implementar o Plano de Transição do Aeroporto Francisco Mendes para o Aeroporto da Praia (ADP) reúne-se na próxima segunda-feira, 19, para, entre outros assuntos, marcar o dia do começo das operações dessa novel infraestrutura. Mário Paixão, presidente do Conselho de Administração da ASA, explica que os operadores, ASA e TACV estão neste momento a trabalhar no sentido de ajustar os programas ao ADP e garante que o voo inaugural será ainda em Setembro.



'Task force' define Dia D

A certificação provisória do Aeroporto da Praia na passada terça-feira, 13, foi acolhida com agrado pela ASA. É que isso significa, segundo Mário Paixão, que "a qualquer momento, o aeroporto pode começar a funcionar". Este responsável admite, entretanto, que ainda existem algumas questões pendentes, em termos de operacionalização, concretamente a nível da implementação do Plano de Transição do aeroporto Francisco Mendes para o ADP. "Este plano só foi aprovado na terça-feira. O task force, formado pela ASA, TACV, Polícia de Emigração e Fronteira, Alfândega, Guarda Fiscal, Forças Armadas, Polícia Judiciária, Shell e Enacol, está a trabalhar arduamente para marcar o Dia D", assegura Paixão, confiante em que dentro de dias o ADP estará a operar, marcando assim uma nova era nos transportes aéreos de Cabo Verde.

A ASA e a TACV também estão a trabalhar, enquanto operadores, no ajuste dos novos programas ao novo aeroporto, sendo certo que "muita coisa" depende da companhia aérea nacional, que prestará os serviços de handling no Aeroporto da Praia. "Ainda estamos a fazer consultas bilaterais mas, na próxima segunda-feira, 19, definiremos o Dia D e a hora H do início das operações comerciais desta infra-estrutura", completa o PCA da ASA.

Sobre este particular, a directora de handling da TACV, Euriza Carrilho, lembra que a companhia aérea também precisa ser certificada pela Agência da Aviação Civil, um processo que leva o seu tempo e a impede de avançar uma data para o primeiro voo comercial a partir do ADP. Entretanto, prossegue, todos os equipamentos, inclusive os tractores push-back, que

servem para rebocar os aviões, já estão na posse da TACV.

S. Vicente suspende operações nocturnas

Em São Vicente os trabalhos de extensão e alargamento da pista do Aeroporto Internacional de São Pedro de mil e 500 para dois mil metros de comprimento e de 30 para 45 metros de largura decorrem em ritmo acelerado. Aliás, a partir do próximo dia 23 do corrente, sexta-feira, todas as operações nocturnas serão suspensas de forma a permitir a deslocação das luzes para a posição final, ou seja, para a pista definitiva.

"Depois da assinatura do contrato, a ASA e a Armando da Cunha, empreiteiro, assumiram o compromisso de concluir os trabalhos da pista em Dezembro deste ano e vamos cumprir o prazo, até porque temos outros compromissos nessa altura", justifi-

ca Mário Paixão, assegurando que as obras do terminal de passageiros e parque de estacionamento continuarão até à inauguração prevista para meados do próximo ano.

"Em Dezembro a pista do Aeroporto Internacional de São Pedro estará preparada para operar aviões de maior porte. Mas isso não irá acontecer, pelo menos no imediato, porque o AISP terá de passar por um processo de certificação idêntico ao da Praia".

Relativamente ao aeroporto internacional da Boa Vista, o presidente do CA da ASA garante que os trabalhos também prosseguem em ritmo acelerado, inclusive estão muito mais avançados que São Vicente. Para se ter uma ideia, frisa, a estrada que liga a Vila de Sal-Rei ao Rabil já está reconfigurada, a terraplanagem da pista está em fase de conclusão e os trabalhos de fundação - alicerces - do terminal de passageiros estão em curso. **CP**

"Florence" continua retido em São Vicente

Suspeita de tráfico de passageiros



Pelo menos quatro passageiros foram desembarcados clandestinamente na ilha do Maio pelo barco de pesca Florence, resgatado na passada semana pelas autoridades marítimas quando se encontrava à deriva, a Sul da ilha Brava. Este dado, segundo o apurado por este semanário, foi avançado às autoridades marítimas pelo próprio comandante da embarcação, um indivíduo de nacionalidade cabo-verdiana. Segundo Manuel Claudino, o capitão chegou a confirmar a

presença do navio nas águas portuárias do Maio por um período de quatro dias, onde fez o reabastecimento de combustível.

Entretanto, existem suspeitas de que o número de pessoas transportadas pelo barco de pesca, e provavelmente deixadas em território cabo-verdiano, possa ser superior. Com base nas informações apuradas por este semanário, as autoridades terão descoberto uma lista a bordo da embarcação com os nomes de pelo menos cinquenta pessoas. A desconfiança reinante é que a tal lista se refira a passageiros clandestinos transportados da costa oeste africana. Se assim for, resta saber o paradeiro dessas pessoas.

O curioso é que tanto as autoridades policiais como marítimas dizem desconhecer o desembarque de passageiros clandestinos no Maio, tão-pouco confirmam a existência desse documento. Também ninguém sabe o paradeiro dos quatro africanos deixados pela embarcação na ilha, segundo informações prestadas pelo próprio capitão do barco à Capitania.

Abordado sobre a existência ou não da tal lista, Manuel Claudino não confirmou esta informação. O Capitão dos Portos de Barlavento limitou-se a referir que todas as autorida-

des interessadas no caso estão ao corrente da situação de "Florence" e que cabe a cada entidade desempenhar o seu papel.

Recorde-se que "Florence" terá zarpado das águas marítimas senegalesas rumo a Cabo Verde, embora não exista nenhuma prova documental que tenha estado atracado ou ancorado no porto de Dakar. Aliás, "Florence" parece ser um poço de contravenções: o barco não tinha documentação quando foi apreendido e quatro dos onze tripulantes não possuem cédula marítima. Por este motivo, os indocumentados encontrados a bordo de "Florence" serão repatriados para os seus países de origem. O processo está a decorrer nos serviços fronteiriços da POP em São Vicente, mas ainda não há uma data certa para o repatriamento dos quatro indivíduos.

Retido na baía do Porto Grande, "Florence" ainda não recebeu permissão para ser sujeito à reparação nos motores, por receio de fuga. Por aquilo que Manuel Claudino deixa transparecer isso só será possível quando o barco pagar todas as despesas decorrentes do seu resgate em alto mar e relativas a outros expedientes. Assim que tudo estiver operacional, o barco receberá ordens para deixar a Zona Económica Exclusiva de Cabo Verde, no que será escoltado por uma embarcação da Guarda Costeira nacional. Por enquanto, "Florence" continua retido no Porto Grande, guardado por agentes das polícias marítima e fiscal. **KzB**

FORNECIMENTO DE ENERGIA CONTINUA PRECÁRIO EM VÁRIOS PONTOS DO PAÍS

“Electra atr... realização dos i...

A Electra procede, desde o início desta semana, a sucessivos cortes de energia eléctrica na cidade da Praia. A empresa alega que os cortes se devem à manutenção dos equipamentos: “Temos capacidade para responder à demanda da Praia, mas não temos reservas. Quando um dos grupos avaria, automaticamente, somos obrigados a efectuar cortes. Neste caso em concreto, estamos a proceder à manutenção dos dois grupos, o que deve acontecer a cada sete mil e 500 horas de trabalho”, informa Rui Santos, presidente da Comissão Executiva da Electra, para quem a situação deverá normalizar-se dentro de vinte dias, tempo preciso para fazer a manutenção dos dois grupos, dez por cada gerador.

Entretanto, se os frequentes cortes de energia na capital já não surpreendem ninguém, apesar dos constrangimentos, prejuízos e reclamações dos utentes, o que era um problema localizado na ilha de Santiago começa a difundir-se por todo o país. Os pedidos de intervenção chegam de quase todas as ilhas, sendo Santo Antão a última. Aqui os autarcas dos três concelhos juntaram-se e, em unísono, pediram uma intervenção urgente do governo, tendo em conta que metade da ilha se encontra às escuras. “Há mais de um mês Electra vem funcionando abaixo de 50 por cento da sua potência instalada. A empresa não vem fazendo a manutenção da rede, pelo que a iluminação pública em Santo Antão afigura-se difícil, sobretudo no meio rural, onde mais de 50 por cento da rede se encontra inactiva por falta de lâmpadas”, afirmava o porta-voz de uma reunião de emergência realizada em Agosto e que discutiu os problemas do fornecimento de energia à ilha das montanhas.

Os autarcas de Santo Antão indicavam ainda que os problemas poderiam ser resolvidos em definitivo com a Central Única, cuja primeira pedra foi lançada em 2002. “Esta central deveria ficar concluída em 2003. Infelizmente, o investimento não passou da primeira pedra. A interligação energética entre as centrais da Ribeira Grande e Porto Novo é um outro projecto que constou do plano de actividades da Electra em 2004 e que está na gaveta”, completa Orlando Delgado, edil da Ribeira Grande. Ele quer, ainda, que o Estado invista mais e aumente a potência instalada nas centrais da ilha cujos grupos electrogénicos trabalham desde 1996, alargue a rede eléctrica às zonas rurais e apoie os municípios para que possam manter as várias microcentrais que trabalham com combustível comprado a preço da bomba.

SANTO ANTÃO, UM PROBLEMA COMPLICADO

Rui Santos confirma que o problema de Santo Antão é complicado, sobretudo na Ribeira Grande e Paul. É que, segundo ele, a Electra entrou em litígio com o fornecedor dos equipamentos da central desse concelho. “Adquirimos um grupo gerador que, teoricamente, tem uma potência de 1MW, que nunca trabalhou em pleno, ou seja, funcio-

nou sempre com metade da potência. O outro grupo está avariado e já vamos no terceiro fornecimento do regulador de velocidade, só para citar um exemplo. O primeiro avariou, o segundo não se adaptou e o terceiro está incompleto”, desabafa Santos, que se mostra, todavia, confiante na resolução do problema ainda no decurso desta semana. Já na ilha do Maio, frisa, a situação está regularizada.

Instado a comentar os constrangimentos que actualmente atravessam o país, aquele gestor admite que “ultimamente não temos feito investimentos, que já deveriam ter sido feitos e não foram”. Quanto a uma possível actualização das tarifas em troca de um serviço contínuo, Rui Santos lembra que esta é uma questão que compete à Agência Reguladora Económica. “Desde Março de 2004, altura em que a direcção da ARE foi empossada, estamos a aguardar que nos seja apresentada uma proposta de regulamento tarifário, pelo que não vou pronunciar-me sobre esta questão. No entanto, é indiscutível que o Regulamento Tarifário é um elemento essencial até para se mobilizar os meios que a Electra precisa para fazer os investimentos necessários”.

Isso não significa, prossegue o presidente da CE da Electra, que não se investe na empresa. “Antes, a situação mais problemática era a produção de água em São Vicente, que foi resolvida. Hoje estamos perante a falta de reservas na Praia. Por isso, sempre que temos avarias na Praia ou necessitamos fazer a manutenção dos grupos geradores, há cortes”, declara Rui Santos, realçando que a Electra está a negociar mais um fundo de financiamento com o BAD e o governo e que o processo está a seguir os seus trâmites normais.

Os investimentos recentes feitos pelo governo na Electra, com apoio de instituições mas os cortes de energia que se verificam um pouco por todo o país (com maior incidência na Economia, Crescimento e Competitividade, João Pereira Silva, admite que a empresa...
Comissão Executiva da Electra, reforça as palavras do MECC ao reconhecer que “...
Monteiro, do CA da Electra, vai mais longe e diz que “é fantasia pensar que...

— Por: CONSTÂ...



TRÊS NOVAS CENTRAIS

Sobre os tão falados parques eólicos, o entrevistado deste jornal explica que o Banco Mundial exigiu um posicionamento claro da Electra. Mas por a não possuir disponibilidade financeira, a empresa desengajou-se completamente deste processo. “O que sei é que existe uma instituição sueca que já se mostrou disponível para financiar os parques eólicos de Cabo Verde. Sei ainda que essa instituição só financia, estados, no caso, o Estado de Cabo Verde, pelo que depreendo que será uma empresa independente da Electra”, a gerir esses parques eólicos, completa.

O ministro da Economia, Crescimento e Competitividade diz, por seu turno, que não obstante os compromissos assumidos, a Electra se atrasou na realização dos investimentos inicialmente previstos. Contudo, prossegue, em 2001 deu início aos investimentos e em 2002 entraram em funcionamento três novas centrais eléctricas - Praia (11 MW), Lazareto (7,4 MW) e Palmeira (7,4MW), todas financiadas pela Electra, o que elevou a potência instalada a nível nacional para 80

Investimentos

Não obstante os investimentos que o Estado de Cabo Verde tem vindo a fazer na Electra, sobretudo neste último ano, Leonildo Monteiro, membro do Conselho de Administração de empresa, defende que “há coisas que só produzem efeitos no futuro”. Este responsável cita como exemplo a Central Única da Praia e os vários parques eólicos que ainda são investimentos no papel. O problema, diz, é como resolver os contratempos imediatos.

“Os problemas da capital são antigos e as decisões vieram demasiado tarde. Agora é preciso tempo para efectuar os estudos, mobilizar os meios, seleccionar compradores e iniciar a montagem dos equipamentos. Os efeitos positivos vão ser retardados”, afirma Monteiro, sem apontar o dedo a ninguém. Mas o mais grave, na sua opinião, é que se está a viver um período de indefinição na empresa que não favorece a tomada de posição. “É necessário que o governo e os

“Passou-se na investimentos”

internacionais, como o Banco Africano de Desenvolvimento, trouxeram expectativas, a falta de paciência e frequência na Praia e Santo Antão) encarregaram-se de as dissipar. O ministro das Finanças, Rui Santos, disse que a realização dos investimentos inicialmente previstos se atrasou. **Leonildo** afirmou: “ultimamente não temos feito os investimentos, que já deveriam ter sido feitos”. **CP** afirmou: “os privados investem em empresas que não oferecem garantias de retorno”.

FINANÇAS DE PINA



mento garantido ou a serem negociados, graças à intervenção do Governo junto dos seus principais parceiros de desenvolvimento como o BAD, a ASDI, o BM e o próprio programa MCA. São disso exemplo os projectos de reabilitação e extensão das redes de distribuição de água e de recolha de águas residuais na cidade da Praia, financiados através do IDA/Banco Mundial e da União Europeia, no valor aproximado de 10 milhões de dólares. Um projecto idêntico, cujos estudos e dossier de concurso foram financiados pelo IDA, com implementação prevista no âmbito do IX FED-EU, também no valor estimado de 10 milhões de dólares, está previsto para o Mindelo.

Esses financiamentos são retrocedidos pelo Estado à Electra em condições vantajosas, como por exemplo, o reembolso em 20 anos, com cinco de carência, à taxa euribor +0,75%;

A par desses, prossegue Pereira Silva, já está assegurado um financiamento de 14 milhões de dólares para a central única da Praia, pelo BAD, que, com a interligação às redes locais de Santiago, resolverá os problemas de abastecimento de energia eléctrica da ilha. Paralelamente, perspectiva-se a ampliação dos parques eólicos da Praia, Mindelo e Sal, com cerca de 7,8 MW, sendo 4,8 na Praia, que conta com um donativo no valor de 2,5 milhões de dólares, para a redução dos custos de capital. Os estudos preparados por consultoria internacional especializada, no valor de 900 mil dólares, foram financiados pelo IDA.

Por outro lado, já estão concluídos os processos de pré-qualificação e selecção da empresa que deverá fornecer e instalar os parques. O processo encontra-se, entretanto, suspenso porque a Electra alega dificuldades de financiamento. “A empresa alega que a proposta financeira vencedora é superior em 40

% à estimativa inicial, razão pela qual sugere que se limite o projecto ao parque da Praia, dentro do montante inicial. Entretanto, após aprovação pelo governo e pelo IDA/BM dessa opção, a Electra informa que o projecto não é prioritário por falta de disponibilidade financeira. Por isso, o governo, através de parcerias bilaterais, não tem poupado esforços no sentido de garantir o financiamento desse projecto”, informa o MECC.

Apesar desses investimentos, o ministro reconhece que a opinião pública tem razão na sua percepção de que a conjuntura é complexa. Isso porque, por um lado, os principais accionistas - AdP e Edp - sofreram mudanças significativas na sua estrutura desde a aquisição da maioria na Electra. Por outro, sendo essa uma empresa privada, o Estado e os municípios são accionistas minoritários que, independentemente das pressões da procura, só podem agir nos limites do contrato de concessão.

“Envidámos todos os esforços para negociar um contrato de concessão mais favorável em 2001, e conseguimos, mas com limitações porque a privatização da Electra já estava efectuada e as receitas em caixa. O contrato de concessão em vigor é resultado do contrato de compra e venda, assinado pelo então ministro das Finanças, Ulisses Correia e Silva, com as cláusulas contratuais já definidas e acordadas, um processo liderado pela Unidade de Privatizações” explica ainda João Pereira Silva.

Enquanto isso, completa o governante, a Electra continua a patenear a falta de regularização como principal entrave à realização do seu programa de investimentos. Aliás, é o presidente da sua comissão executiva que sentencia: “É necessário que haja um documento que permita o automatismo, ou seja, que as tarifas sejam reajustadas de forma imediata sempre que houver oscilações nos combustíveis. Esse regulamento tarifário é um elemento essencial até para mobilizar os investimentos que precisamos”, Rui Santos remata assim o raciocínio de João Pereira da Silva.

E enquanto as partes esgrimem as suas posições e mostram os seus esforços para resolver a situação, os praienses continuam sem luz, Santo Antão está às escuras, e os caboverdianos queixam-se, um pouco por todo o lado, dos transtornos que a ineficácia de uma empresa de electricidade e água pode causar a um país que quer e deve ultrapassar os desafios do desenvolvimento. Um desenvolvimento que desde que se inventou a electricidade a ela está associada.

Portanto, o que se ouve nestes dias é: Cabo Verde tem que parar, de uma vez por todas, de buscar culpados e inocentes (que também existem) e encontrar forma de tirar o país da inactividade e escuridão a que a Electra insiste em condenar todos. “Se tal significa aumentar as tarifas que aumente, mas que nos tirem deste inferno”, desabafava um cidadão, no limite da paciência. O que não é para menos, face a um serviço de energia que funciona de forma cada vez mais intermitente levando o país a uma forçada viagem no tempo. Rumo à idade da pedra.

MW, o dobro da capacidade existente em 2000, ano em que o governo de José Maria Neves assumiu as funções.

Segundo João Pereira Silva, a Electra, recorrendo a empréstimos, também financiou, e pôs em funcionamento o novo dessalinizador de Palmarejo, na Praia, com uma unidade de 5 mil m³/dia e 2 mil m³/dia cada, em osmose inversa (RO). Estas duas pequenas centrais (as de mil m³/dia) foram posteriormente transferidas para o Sal, resolvendo parcialmente a situação crítica reinante na altura nessa ilha.

“Foram ainda programados importantes

projectos de promoção e valorização das energias renováveis, mas que têm conhecido alguns constrangimentos na sua implementação, nomeadamente a expansão dos parques eólicos da Praia (+4,8 MW), Mindelo (+1,8 MW) e Sal (+1,2 MW)”, informa Pereira Silva, ressaltando os esforços do Governo na procura de financiamento para o desenvolvimento das infra-estruturas necessárias à prestação dos serviços de electricidade e água ao país.

Sobre este particular, o MECC aproveita para enumerar alguns projectos com financia-

para o futuro

parceiros estratégicos se entendam de uma vez por todas e resolvam os problemas que afectam os cabo-verdianos”, aconselha.

E se a solução passar pelo aumento das tarifas, Monteiro é categórico ao afirmar que então será esse o caminho, embora reconheça que alguns actores políticos irão utilizar a mesma saída como arma de arremesso político. “Neste momento temos um CA em que um dos integrantes está de-

missionário desde Junho. Isso por si só fragiliza ainda mais a CE. A solução dos problemas da Electra está nas mãos do governo, da EDP e AdP. Eles têm de sentar e tomar uma posição definitiva. Não vale a pena estarem aqui como gato e rato”, diz Monteiro, lembrando que a Electra está em situação de falência técnica e é fantasia pensar que os privados investem em empresas que não oferecem garantias de retorno.

CP

Sexta-feira, 16 de Setembro de 2005

Correio das ilhas

CORTES DE ELECTRICIDADE EM SANTO ANTÃO

Consumidores contabilizam prejuízos



Há quase dois meses com sérios problemas de electricidade, os consumidores dos concelhos da Ribeira Grande e do Paul falam em elevadas perdas com produtos congelados e materiais electrónicos. Mas também as entidades públicas contabilizam prejuízos com electrobombas, retransmissores de TV e outros equipamentos. A descrença e a revolta para com a Electra é de tal monta que os donos de casas comerciais e restaurantes partem para a aquisição de pequenos geradores para atenuar os danos. No entanto, fontes da Electra dizem que o problema na Ribeira Grande poderá ser solucionado nos próximos dias.

Os moradores da vila das Pombas passam por momentos difíceis. É que como se não bastasse conviverem com sucessivos cortes de energia eléctrica há quase dois meses, eles deparam-se agora com a falta de abastecimento de água potável por longos períodos. Isso porque é justamente na zona onde fica a distribuidora de água que se verifica o maior défice de electricidade nestes últimos dias. Deste modo, a electrobomba do reservatório quase não funciona e a distribuição daquele líquido é feita de forma bastante precária.

Na passada terça-feira os residentes daquela vila passaram todo o dia sem água nas torneiras porque, uma vez mais, faltou electricidade durante sete horas consecutivas no local de distribuição do líquido precioso. A Câmara Municipal local já veio a público dizer que a crise energética está a deixar a população “à beira de um ataque de nervos” e solicitou explicações à Electra. Mais do que isso, o comunicado do gabinete do edil Américo Silva indica que as constantes “alterações de tensão” provocaram danos num retransmissor de TV na zona de Ribeira de Janela e numa electrobomba em Ribeira de António.

A população dá conta também de estragos em computadores, televisores, máquinas de costura, frigoríficos, causados pelos sucessivos cortes de electricidade. “O pior de tudo é que a Electra não se responsabiliza por nada disso”, salienta Alfredo Gonçalves, antes de contar que o seu computador avariou-se, o técnico indicou que o dano foi causado pelas “sucessivas descargas eléctricas”, mas a empresa de electricidade não assumiu as despesas do conserto.

Tal como Gonçalves, muitas pessoas no Paul e na Ribeira Grande listam os prejuízos derivados dos mais de dois meses de total “instabilidade energética” naqueles concelhos. Os donos de casas comerciais e restaurantes falam em elevadas perdas de produtos congelados e alguns deles já pensam em adquirir pequenos geradores para não ficarem na dependência de “uma empresa que leva mais de dois meses para comprar uma peça que possa remendar uma central eléctrica a cair aos pedaços”, como dizia um comerciante.

Na verdade, metade de Santo Antão tem vivido praticamente às escuras nos últimos dois meses, porque os grupos geradores da Electra na Ribeira Grande e no Paul funcionam abaixo de 50 por cento da potência instalada. Por isso durante o ho-

rário de maior consumo da electricidade, das 19H30 às 22H30, grande parte do território dos referidos concelhos fica sem energia.

Só que, como se não bastasse esse “forneamento à míngua” no citado horário, as interrupções energéticas durante o resto do dia são constantes. Há zonas no Paul em que no passado fim-de-semana o “blackout” durou dois dias; mas também no vale da Ribeira da Torre os consumidores ficaram cerca de 24 horas sem electricidade. Nas vilas da Ribeira Grande e da Ponta do Sol, há muita gente irritada porque dizem que a Electra não deixa trabalhar com equipamentos electrónicos e informáticos. A insatisfação é generalizada.

E face à conjuntura “difícil” que se vive na ilha das montanhas em matéria de energia, a Associação dos Municípios de Santo Antão já solicitou apoio do governo no sentido de mandar construir a propalada Central Única, cuja primeira pedra foi lançada há mais de três anos. A AMSA deseja também que o Estado disponibilize recursos para aumentar a potência instalada nas centrais, que trabalham há quase uma década com os mesmos grupos geradores.

Em resposta a esse pedido, o primeiro-ministro, José Maria Neves, disse em Santo Antão que tentará mobilizar recursos

para a construção daquela Central Única. Mas JMN reafirmou que os problemas de energia eléctrica naquela ilha resultam dos prometidos investimentos que a Electra não fez depois da privatização. Sendo assim, reiterou ainda o chefe do governo, quem deve responder por esta situação são os responsáveis daquela empresa (ver centrais).

A **Semana** soube de uma fonte da empresa que o problema na central da Ribeira Grande deverá ficar resolvido “nesses dias porque a peça que estávamos à espera já está em Cabo Verde”.

Seja como for, essa é uma notícia que não parece aliviar por completo os santantonenses, pois os dados técnicos indicam que os actuais grupos geradores já não satisfazem as necessidades dos três concelhos. “Só espero que não aguardem mais duas ou três semanas para resolver esse problema. Para já, não confio na Electra porque há dias Porto Novo passou por idênticas dificuldades, remendaram a central de lá e agora devem fazer o mesmo na Ribeira Grande. Mas sem investimento sério nas centrais não só em Santo Antão, como em outros pontos do território nacional, continuaremos sempre neste sufoco”, sublinha um engenheiro, que pediu anonimato.

João Almeida Medina

Praienses não aceitam desculpas

Platô, tarde de um dia de semana em que, mais uma vez, o plano de cortes da Electra não foi cumprido. Funcionários na porta do local de trabalho a ver o tempo passar. Numa realidade onde a máquina de escrever e a caneta foram substituídas, em grande parte das instituições, por computador, sem energia não há trabalho.

Não trabalham as empresas. Não trabalham os institutos de ensino. Não funcionam as consultorias. Não dão conta do recado os serviços virados para o público. Tudo pára e a cidade se desespera.

Fora desses espaços, o pequeno comércio, os bares e lanchonetes, que movimentam a vida no centro económico do país estão literalmente às moscas, que “ka ti ta spera pa más” nesses dias quentes. Sem energia eléctrica não há cliente e sem cliente não há venda. E aqui são os cafés os mais prejudicados, já que se outras bebidas, que conservaram a frescura de uma noite com energia, vá que não vá lá conseguem sair.

Assim, aos pouquinhos, esta semana com energia aos bocadinhos, conforme comunicado da Electra, vai minando, segundo alguns praienses, a economia da cidade. “Quem é doido de fazer a compra da semana quando a geleira não funciona?”, questiona um funcionário de braços cruzados. Um outro praiense continua: - “Se o freguês não compra não há venda, o comerciante não faz negócio e o Estado não recebe imposto”. Isso sem contar os quilos de peixe, frango e outros perecíveis que têm de ir indirectamente para o lixo, porque a geleira de tanto congelar e descongelar já não dá conta do recado.

Por isso, contas feitas, é possível ver ali, preto no branco, que uma semana de cortes vai-se traduzir, com certeza, em perdas significativas para a economia da capital. Para não dizer do país, já que aqui está a administração central e o que falha na Praia acaba por afectar directa ou indirectamente o resto do país. Tão ou mais grave do que isso, segundo deixa entender um prai-

ense, que já sonha até com actos terroristas contra a direcção, “inteirinha”, da Electra, é que ninguém vai pagar por isto.

Este mesmo praiense afirma, ainda, não entender, por que a empresa não apresentou problemas, ou fez a sua manutenção, em Agosto quando, de facto, o país - via serviços da administração pública - está praticamente parado por causa das feiras. “Pelo menos nessa altura os prejuízos seriam menores”.

Com mais ou menos discussão, o que fica claro, pelas ruas da cidade, é que o praiense já não aceita mais desculpas da Electra. E há quem sugira, neste caso um leitor de A Semana Online, que se os actuais sócios maioritários da empresa não derem conta do recado, que se faça como no vizinho Senegal, onde a empresa de electricidade foi nacionalizada depois de um apagão de quatro dias em Dacar. “Depois disso”, garante a fonte, “nunca mais houve problema”.

'ASEMANA ONLINE' bate recorde de visitantes

O jornal electrónico **Asemanaonline** ultrapassou em Agosto a barreira simbólica dos 100 mil visitantes. Um facto que surpreendeu a empresa francesa que presta assistência a esta publicação, a AK Project, e que suporta tecnicamente várias outras publicações digitais do continente africano. As estatísticas revelam ainda até que ponto Cabo Verde é hoje uma nação globalizada e diaspórizada, ao dar conta de um nível de leitura quase igual entre os leitores residentes no arquipélago, nos EUA e em Portugal. Outro facto extraordinário é que **Asemanaonline** é lido em mais de 120 países.

Em um ano e meio de existência, **Asemanaonline** é hoje um inegável sucesso. De acordo com as estatísticas da AK Project, empresa francesa sediada em Dakar e que suporta tecnicamente várias publicações electrónicas do continente africano, o nosso jornal digital ultrapassou em Agosto a barreira simbólica dos 100 mil leitores, com um nível médio de leitura diário de 3 mil e 226 leitores. Houve dias em que o jornal foi visitado por quase 4 mil e 500 leitores.

A cifra de 100 mil e 082 leitores registada por **Asemanaonline** em Agosto é, para a AK Project, um facto a todos os títulos extraordinário, particularmente para uma publicação de um país, Cabo Verde, cuja população residente gira em torno dos 450 mil habitantes. A nossa diáspora espalhada pelo mundo e que se mostra interessada no dia-a-dia do seu país contribui e muito para esse "sucesso".

Até aqui os níveis de leitura mensais deste produto de **A Semana** andavam à volta de 65 mil visitantes, o que por si é considerado bastante bom, conforme a análise da AK Project. "Comparando com o site do grande diário senegalês, *Le Soleil*, **Asemanaonline** sai disparado na frente com mais de 20 mil visitas, pois este raramente ultrapassa a barreira dos 80 mil visitantes mensais", anota aquela empresa. E ao se atentar no facto de que o Senegal é um país com vários milhões de habitantes, com uma forte diáspora que se concentra na Europa e nos EUA, os ganhos de **Asemanaonline** são ainda mais expressivos. Outra referência possível é o *Expresso Online*, de Portugal, que tem cerca de 16 mil leitores/dia, enquanto o *Expresso África* (virado para os países africanos), tem uma leitura quotidiana à volta de 700 leitores. **A Semana online** chegou nos últimos dias de Agosto a 4250 leitores/dia.

Os números mostram que os principais



leitores de **Asemanaonline** se concentram em Cabo Verde (22%), EUA (21%) e Portugal (19%). Brasil (9%), Holanda (7%), França (4%) e Espanha (1%) são os países que vêm a seguir nessa tabela classificativa.

Os restantes 17% dos visitantes de **Asemanaonline** são oriundos de um vasto leque de países e dos lugares mais inesperados do planeta. Só para se ter uma ideia, o jornal é "acessado" no Bangladesh, Paquistão, Afeganistão, Azerbaijão, Kirguizão, mas também na Inglaterra, Finlândia, Luxemburgo, Islândia, Vaticano, Canadá, Ucrânia, Geórgia, Bielorrússia, México, Peru, Honduras, Panamá, Namíbia, Zâmbia, Burkina-Faso, Camarões, Qatar, Emirados Árabes Unidos, Nova Zelândia, etc., etc.

Na prática, este jornal electrónico é lido em todos os continentes, o que lhe confere um carácter universal, algo possível em grande parte pelo facto de, além do português, utilizar o inglês como língua de comunicação.

Mais importante de tudo, os números, principalmente os referentes ao primeiro escalão dos leitores de **Asemanaonline**, atestam a ideia de Cabo Verde ser hoje um país globalizado e diaspórizado, cujos cidadãos se mantêm conectados com a terra-mãe graças aos modernos meios de comunicação. Mas as estatísticas atestam também um interesse crescente por este arquipélago, pois, entre os nossos visitantes, há um número crescente de leitores que procuram dados sobre Cabo Verde. Isto, por si, é uma pista para os decisores públicos e empresariais atentarem nas oportunidades de negócio que se lhes podem abrir a partir desta publicação.

Asemanaonline foi colocado na rede mundial de computadores (Internet) a 6 de Dezembro de 2003, assumindo-se como "o primeiro diário cabo-verdiano online". Desde então os leitores que nos "acessam" sabem que todos os dias, inclusive sábados e domingos, é dia de novidade. O resultado

desse esforço é que o número de visitantes não tem parado de crescer, situando-se a nossa média de leitura diária em torno dos 3 mil e 500 visitantes.

Como forma de cativar e fidelizar os seus leitores **Asemanaonline** tem vindo a melhorar os seus serviços, com a introdução de várias novas rubricas. Uma delas é a possibilidade de os leitores poderem comentar os artigos postos em linha, havendo dias em que o número de reacções chega a ascender a uma centena. Os leitores no geral comentam sobretudo questões políticas, mas também o funcionamento dos serviços públicos, num autêntico exercício de cidadania. Por exemplo, um dos assuntos que muita atenção tem merecido dos leitores é (para quando) a entrada em funcionamento do novo aeroporto da Praia.

Um outro produto também bastante procurado é o jornal impresso que é posto na net através do sistema PDF, e que para o ter basta proceder ao 'download' (descarga) no computador. Aos leitores interessados, **A Semana** poderá disponibilizar o relatório da AK Project sobre os índices da versão digital do nosso jornal.

A SEMANA INTERNACIONAL

Mas as novidades não ficam por aqui. Na mira da sua internacionalização, **A Semana** está em negociação com um importante jornal económico do mundo com vista a um acordo de parceria. A confirmar-se, esse protocolo deverá traduzir-se na inclusão de um encarte com notícias de economia e finanças, que servirá para reforçar a qualidade da secção económica do nosso jornal, ou seja, o **Cifráo**. Com isso **A Semana** passará a integrar uma vasta rede de publicações de nome internacional. Integrando já a rede da Afrolnews (agência norueguesa de notícias), através de um protocolo de intercâmbio de notícias, os contactos prosseguem a bom ritmo no sentido de este periódico fazer parte de uma rede continental africana de troca de informações, experiências e de informação conjunta.

Aliás, neste momento **A Semana** possui já acordos com os jornais Público e Expresso, de Portugal, bem como a secção portuguesa do 'Courrier International', uma publicação que reedita artigos seleccionados das mais importantes publicações do mundo. Vários artigos de **A Semana** já foram republicados nesse periódico, o que por si atesta a qualidade deste que é considerado o jornal de referência de Cabo Verde.

DIREITO DE RESPOSTA

IFH responde a Germano Almeida

No seu artigo intitulado "REVISÃO CONSTITUCIONAL", Germano Almeida fala de feudos de influências partidárias e diz que "...os pequenos poderes exercidos pelos pequeninos chefes vão sendo no geral de funestas consequências para as pessoas em particular..." para logo de seguida dar como exemplo a IFH onde, segundo ele, "...a tutela deve fazer um esforço no sentido de saber o que se passa no interior dessa empresa e tomar medidas quanto ao destino de bens que são colectivos e por isso devem estar ao serviço do interesse geral..."

Germano Almeida enche pois o citado trecho de ataques pessoais e institucionais, que primam sobretudo pela ausência de fundamentação e pelo seu carácter vago e abstracto, insidi-

oso diríamos nós, susceptível de inocular ideias as mais abjectas sobre a IFH e seus representantes.

E fá-lo num artigo sobre revisão constitucional, como quem não premeditou os seus ataques, desferidos precisamente quando estão em curso na IFH dois processos disciplinares instaurados contra um seu parente próximo (veja-se a alusão a pequeninos chefes com "...funestas consequências para as pessoas em particular...").

Ainda que vivendo em São Vicente, sem nunca ter estado presente, contactado ou ouvido a IFH para qualquer efeito, sabendo embora que a presença do Estado na IFH se faz através da Assembleia-Geral, com reuniões periódicas e poderes bem definidos, Al-

meida entende ser ele quem conhece "o que realmente se passa no interior da IFH", a ponto de insinuar que os bens da empresa estão ao serviço de interesses particulares e solicitar à "tutela" um esforço no sentido de conhecer o que ele já conhece.

Os insultos pessoais e o dramático apelo à tutela, cirurgicamente feitos nas circunstâncias já referidas, dizem que Germano Almeida não é propriamente um homem isento, pelo que certamente a IFH não responderá às suas futuras investidas.

Mas porque bens públicos são bens públicos, venham todas as iniciativas do Estado que visem conhecer melhor o que se passa no interior da IFH.

O Presidente do Conselho de Administração/Hélder Araújo

Prostituição mas

A prostituição masculina está em franco crescimento em Santa Maria, ilha do Sal, em concorrência praticamente aberta e declarada com a feminina. São turistas os principais clientes dos “*machos crioulos*” e a sua fama já circula além-fronteiras. Por causa disso, há quem afirme que o número de turistas que procuram estas ilhas, especialmente as mulheres, está a aumentar devido a esse fenómeno. A *Semana* foi ao terreno verificar de perto a situação que, mesmo não sendo nova, só agora começa a provocar a indignação de certos sectores da sociedade salense e a levantar acesos debates quanto à forma de cortar o “*mal*” pela raiz.



Por: KAUNDA SIMAS

Eles, uma versão “macho” da garota de programa, “*atacam*” de dia nas praias, onde se pode vê-los a abordar os turistas, sejam mulheres ou homens. Mas é a calada da noite o seu momento preferido para sair à “*caça*” de potenciais clientes. Estão lá, à vista de todos e ao alcance da mão e dos desejos, dividindo com as mulheres os pontos estratégicos de Santa Maria: as entradas e saídas das casas nocturnas, as proximidades da igreja na Rua *Primeiro de Junho* - a rua principal da vila - ou ainda de tocaia à porta dos hotéis. As prostitutas, ao que consta, não andam a gostar nada desta história de ter que dividir a clientela com o sexo oposto.

“*Realmente, eu já vi turistas a subir para a vila, mas quando chegam no final do calçado são obrigados a voltar aos hotéis porque são logo interpelados por*

um, dois ou até mais homens querendo vender de tudo, até sexo”, conta Fidélis Ramos, um guia turístico, que já se deu conta do fenómeno.

A abordagem dos garotos de programa normalmente é descarada, vão directo ao assunto, como conta aquela fonte de *A Semana*: “*É do tipo, ciao sgnore, tutto bene? Volare trombare?*”. Fidélis entende que este tipo de coisas está, infelizmente, associado ao turismo, mas teme que a situação venha a fugir do controlo, caso as autoridades não tomem medidas sérias e ajam rapidamente.

Cem euros é o preço normalmente cobrado pelos prostitutos, enquanto as suas colegas mulheres cobram 50 euros (550 escudos). Preços que, estando o cliente disposto, até se pode negociar: “*Hoje, com 30 euros, e até com mil escudos, essa malta carrega os gajos que nem mochila...*”, afirma Ramos.

Mas no caso dos homens há outro detalhe, segundo a mesma fonte: “*Hoje em dia nem é preciso o pessoal correr atrás, porque as estrangeiras vão ao encontro deles. Por isso, o preço vai reduzir, porque está a aumentar a concorrência. Neste momento o número de prostitutos na rua é manifestamente maior do que há uns tempos atrás*”.

Mas este é um negócio em que a moeda de troca não se restringe ao dinheiro. Há os que se “*deixam*” levar por um bom par de ténis, ou um bom relógio. “*Esses são geralmente os rapazes mais jovens, alguns menores... Se a gente vê um gajo com uma camisa nova ou um par de Nikes já sabe logo que esse engatou alguma coisa*”, depõe um morador da vila.

Esse tipo de aventureiros, sem preço fixo, são do tipo “*just for fun*”, explica Emanuel Monteiro de Macedo, proprietário do restaurante “*Pó Di Terra*”. Isso em se tratando de nacionais que, pelo menos no que

os olhos alcançam, parecem ser minoria entre esses profissionais do sexo.

Os crioulos, “*quando se trata de mulheres, contentam-se às vezes com gabar-se ante os amigos de quantas brancas conseguiu engatar num dado dia. Neste caso acho que é mais por gozo e não prostituição*”, afirma Emanuel, que diz conhecer bem a realidade de Santa Maria, e para quem muitos são os rapazes que não poucas vezes aparecem no seu estabelecimento acompanhando turistas. “*Já o mesmo não acontece com os “prazeirosos” do continente, estes são mais profissionais, do tipo pagas-me e eu dou-te!*”, prossegue Emanuel. A mesma leitura serve para as mulheres, sendo as crioulas mais “*ingénuas*”.

A *Semana* tentou entrevistar alguns desses garotos e garotas de programa, prostitutos e prostitutas, mas sem sucesso. Insucesso também na abordagem feita aos es-



OS DEUSES DO SEXO

“*Homens robustos, grandes, de pele escura e de preferência com cabelos em rasta*”, é geralmente esta a definição das características físicas desses profissionais do sexo. E é fácil de concluir que a instrução também não é importante, pois que normalmente são pessoas com pouca ou nenhuma escola. Têm também que ser descontraídos, ter uma boa dose de “*cara-de-pau*” e conhecer bem os segredos das ruas, pois, muitas vezes eles funcionam como passadores de drogas para certa clientela que num clima de férias e aventuras, deseja novas experiências, ou simplesmente, satisfazer um vício há muito adquirido.

Mas a função principal, essa, tem a ver com estereótipos,

já antigos: Um turista italiano explica que a culpa é do mito do homem negro. “*Sabe, aquele mito do homem africano, grande e bom de cama...*”, salienta.

De facto, é fácil constatar que os traços físicos desses “*deuses do sexo*” correspondem perfeitamente a esse perfil, o que explica o sucesso dos estrangeiros africanos nesse mercado, numa terra essencialmente de mestiços. E esse fenómeno, sem querer dá a dica de que os homens e mulheres cabo-verdianos precisam rever seus conceitos de beleza e se desgarrar de certos complexos, porque como diria um orgulhoso africano, “*O negro é lindo!*”.

KS

sculina no Sal

trangeiros, que não se mostraram nada dispostos a tratar o tema.

UM PARAÍSO SEXUAL

Apesar do tabu que ainda envolve o assunto, Cabo Verde começa a constar do mapa do turismo sexual, e os "profissionais do sexo", na ilha do Sal, já são inclusive tema de reportagens em revistas e televisão italianas, como conta Emanuel Monteiro. "Eu já vi, inclusive, uma dessas revistas e um programa num canal italiano que abordou o assunto, destacando que muitas italianas vêm a Cabo Verde para usufruir desta realidade, porque, ainda por cima, o preço é baixo", conclui.

Delfina Nunes, 42 anos, emigrante em Itália, confirma ter visto um desses programas que apresentava Cabo Verde como país de sexo fácil e "muita depravação". "Eles filmaram uma discoteca que se diz ser um ponto de encontro de aventureiros do sexo e drogas, tanto estrangeiros como nacionais. E filmaram só aquilo, aquele monte de prostitutas nigerianas, que os italianos não sabem se são ou não cabo-verdianos, deixando a ideia de que isto é um paraíso sexual. E agora vêm para cá fazer férias sexuais, e isto é muito triste para nós... Eu

vim num voo onde a maioria dos passageiros era homem e os comentários sobre o que esperavam não eram muito abonatórios", lembra indignada esta emigrante, concluindo que a imagem actual de Cabo Verde em Itália não é algo de que nenhum cabo-verdiano se possa orgulhar.

De facto, os turistas italianos confirmam ao **A Semana** que realmente há hoje em dia essa imagem nada gratificante de Cabo Verde, e que muitos dos turistas vêm a estas ilhas com o firme propósito de experimentar "novas sensações", à semelhança do que acontece em várias outras paragens, Gâmbia, Senegal, só para citar os casos mais próximos. "No avião em que viemos, muita gente comentava sobre o que os esperava, e alguns, mesmo antes de aterrar no Sal, já tinham arrumado programas", diz uma simpática senhora italiana.

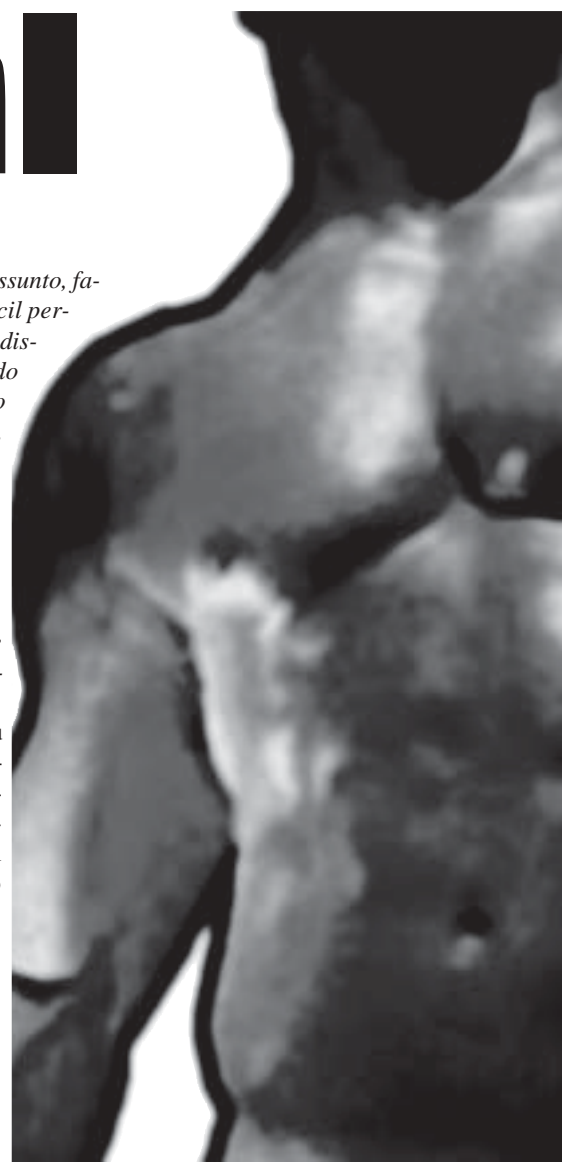
A mesma fonte diz nunca ter sido incomodada, até o momento da entrevista, talvez por estar acompanhada do marido. Mas conta que acontece com frequência os turistas serem abordados, quando não são eles a tomarem a iniciativa. "Acontece muito, realmente...", confirmam duas amigas italianas.

Ambas solteiras, as duas riem quando abordadas sobre o assunto, antes de responderem que já foram abordadas algu-

mas vezes. "Eles tentam puxar assunto, fazer amizade conosco, mas é fácil perceber quem são, e aí é só manter distância. Mas isso acontece em todo lugar onde há turismo, mesmo em algumas cidades italianas, em Ibiza..."

As duas turistas confirmam ter visto algo na televisão italiana que falava do turismo sexual em Cabo Verde. "Há, inclusive, um portal na Internet que vende o sexo em Cabo Verde. Não me recordo do endereço no momento...", revela uma delas.

A Semana não conseguiu encontrar o tal site, mas encontrou vários outros fazendo referência à prostituição neste arquipélago. Um desses é o site dum famoso canal televisivo, o "La7". O canal passou recentemente um programa que falava da prostituição masculina em Cabo Verde, colocando o país ao lado de Cuba e Jamaica, como um dos destinos preferidos pelas mulheres italianas à procura de sexo, e mesmo de um romance numa praia tropical.



Sexta-feira, 16 de Setembro de 2005

Social

Reabilitações das estradas marcam a capital do país

As obras nas estradas da cidade da Praia continuam a todo o gás. Avenidas alargadas, bairros calçetados, asfaltagem do troço Gimno-Desportivo/Chã d'Areia. Tudo rematado com a colocação dos painéis informativos e dos sinais do trânsito, dando "uma outra pinta" à cidade. Assim, Praia passa a ser, de longe, a cidade com maior extensão da rede viária do país.

Vários bairros da capital estão a ser requalificados com o calçetamento das vias. Achadinha, Vila Nova, Tira-Chapéu, Monte Vermelho, Palmarejo, Coqueiro, Castelão, Ponta-d'Água, Eugénio Lima e Fazenda são os contemplados por esse projecto do contrato-programa assinado entre a Câmara Municipal da Praia e o Governo, num montante de 50 mil contos.

Desses bairros, alguns já concluíram as obras como é o caso da estrada do Palmarejo que vai em direcção à Cidadela, antes com meia faixa de rodagem apenas. Considerando que aquela avenida tem um "grande fluxo de tráfego", Leontina Ribeiro, engenheira da CMP e também assessora do Gabinete Especializado do trânsito e transportes, acha que com o alargamento desta via "evita-se o ponto de conflito que havia naquela zona". Sobretudo, porque se trata de uma via que ao fazer a ligação a Palmarejo com acesso através de Quebra-Canela, é bastante utilizada se torna, em termos de fluidez de trânsito, "muito importante".

Entretanto, enquanto decorrem as obras de calçetamento nos diversos bairros da capital, o pequeno troço Gimno-desportivo/Chã-d'Areia está a ser asfaltado. Embora esta obra tenha já ultrapassado o prazo dado para a sua conclusão, que era de um mês, o director da

obra, João Paulo Spencer, garantiu a este jornal que este troço, que liga a avenida Cidade de Lisboa a dos Combatentes da Liberdade da Pátria, estará aberto ao trânsito ainda antes do final deste mês. Leontina Ribeiro reconhece tal atraso mas afirma que a equipa de fiscalização da obra está a pressionar a empresa responsável, a Empreitada Adriano, no sentido de acelerar esse processo.

Financiada pela CMP e pelo Governo, este pequeno troço está orçado em 11 mil contos. Com a ligação dessa estrada à Avenida Cidade de Lisboa, a capital, além de ganhar uma outra aparência, muito mais moderna, passa a ter quase completa a rede viária que atravessa praticamente toda a cidade de Norte a Sul, através das suas duas principais avenidas. Outro elemento inovador são os sinais e a localização toponímica ostentados a Avenida Cidade Lisboa, que está completamente sinalizada. É obra numa cidade até hoje sem rumo nem direcção. No que toca a esta avenida, financiada pela UCCLA, como refere Leontina Ribeiro, o orçamento inicial foi de 114 mil contos, mas depois foram "necessários mais 70 mil contos porque havia a necessidade de contemplar o troço 1º de Maio/Lém Ferreira e outros projectos de especialidade que inicialmente não estavam previstos no projecto".

SINALIZAÇÃO

A Avenida Cidade Lisboa está a sofrer assim uma transformação em termos de sinalização - vertical e horizontal -, dando um aspecto urbano à mesma, que se completa com a "sinalização informativa". A responsável pelo trânsito e transportes na Praia explica que a

"sinalização da Avenida Cidade de Lisboa" dá continuidade ao projecto de reabilitação daquela avenida financiada pela UCCLA.

Segundo Leontina Ribeiro, "cada obra da rede viária feita pela Câmara já engloba a sinalização". Exemplo disso, é o Paiol e Casa Lata, onde "calçatámos e sinalizámos", além de outras localidades onde o projecto ainda está em curso, caso de Vila Nova.

Aquela responsável refere-se também a actos de vandalismo praticados frequentemente com o fim de danificar o património público, o que dificulta de certa forma o trabalho que a edilidade praiense vem desenvolvendo. Por isso pede às pessoas que preservem esses equipamentos que são sociais e de utilidade pública.

"As pessoas não têm a noção de quanto custa a sinalização", diz Ribeiro. "Um bloco daqueles sinais que tenha seis informações custa quatrocentos e tal contos". E para sinalizar a Av. Cidade de Lisboa a CMP gastou 5 mil contos em sinalizações verticais, 6 mil contos nas informativas com painéis retroreflectores e 7 mil contos nas horizontais, totalizando

os 18 mil contos.

Para além da sinalização, a avenida será equipada em termos de mobiliários urbanos. Foram feitos os arranjos nas paragens dos autocarros com a colocação dos abrigos para "proteger os utentes dos transportes públicos das intempéries, criando melhores condições de espera nas paragens". Arranjos urbanísticos nas rotundas para melhorar o projecto desta obra em termos paisagístico, para além dos aspectos de especialidade de bocas de rega e incêndio a serem colocados ao longo da Avenida Cidade de Lisboa, são outras mais valias que a Câmara vai implementando nesta que é a avenida mais emblemática da capital.

A responsável pelo trânsito na Praia adiantou ainda a este jornal que vão começar em Outubro a colocação das placas direccionais simples nas entradas dos bairros. E já no início das aulas terão sido também introduzidas as sinalizações horizontais e verticais nas imediações das escolas para "melhorar as condições de segurança rodoviária dos alunos no seu percurso casa-escola".

AIDÉ CARVALHO

REDES VIÁRIAS DO PLATEAU À ESPERA DO FINANCIAMENTO

O processo de reabilitação das vias do Plateau já "está em curso". Garante-o a engenheira da CMP, Leontina Ribeira, que afirma que "já existe o projecto de especialidade com planos de drenagem, sinalização e iluminação pública, mas está a negociar o financiamento".

E, enquanto não houver verba para

este projecto, os automobilistas vão continuar aos drible por causa dos inúmeros buracos que tomaram conta do piso do Plateau?

Perante esta situação que já é do conhecimento da CMP, Leontina Ribeira garante que até ao final deste ano, arrancam as obras nas ruas do Plateau.

CAMPANHA AGRÍCOLA

A praga de mil-pés, que praticamente dizimou as culturas de tubérculos em Santo Antão, ataca agora as sementes de milho e feijão em germinação na Costa Leste daquela ilha. Esse é mais um facto que deixa apreensivos os agricultores de Santo Antão onde choveu muito pouco até ao momento. Em contrapartida, nas restantes ilhas as culturas de sequeiro desenvolvem-se em condições favoráveis.



Mil-pés ataca milho e feijões em Santo Antão

Os chuviscos que caíram nesta azá-gua em Santo Antão não foram ainda suficientes para fazer germinar as sementes de milho e feijão em grande parte do território daquela ilha. Só nos estratos húmidos e sub-húmidos o milho está em fase de crescimento, com 5 a 9 folhas, enquanto os feijões ramificam. No entanto, essas culturas já apresentam *“fraco vigor vegetativo e sintomas de stress devido ao défice de humidade do solo”*, como refere o boletim Azagua, elaborado pelo Ministério do Ambiente, Agricultura e Pescas.

Em outras zonas da mesma ilha, designadamente em Lombo Branco e arredores, os camponeses constataram que a praga dos mil-pés (*Spinotarsus caboverdus*) está a atacar as sementes de milho e feijão ainda na fase de germinação. Inclusive, os técnicos do Instituto de Desenvolvimento Agrário (Inida) já estiveram no local para procurar formas de prevenção.

O assalto do mil-pés às sementeiras é algo que começa a alarmar os agricultores já bastantes apreensivos com os estragos que esta praga vem causando nas culturas

irrigadas de tubérculos (batata comum, sobretudo), em Santo Antão. Temem agora que a mesma ataque em grande escala as culturas de sequeiro. E há motivos para algum desassossego já que, segundo o engenheiro Jorge Brito, técnicos do Inida observaram uma crescente população de mil-pés nos campos de sequeiro de Santo Antão, emergente com as chuvas registadas nos meses de Novembro e Dezembro do ano transacto (as chamadas Invernadas).

Seja com for, ainda é cedo para se chegar a qualquer conclusão sobre os efeitos dessa praga nas culturas de sequeiro, porque a campanha agrícola em Santo Antão praticamente ainda não se iniciou os fracos registos pluviométricos não.

Nas outras ilhas, o panorama da campanha agrícola é bastante mais animador. Segundo o boletim Azagua, em Santiago e no Fogo as precipitações de Agosto último contribuíram para que as culturas do milho e dos feijões prossigam o seu *“desenvolvimento em condições favoráveis”*. Nas terras altas, os feijões apresentam-se na fase de ramificação e floração, enquanto o mi-

lho está com 9 a 11 folhas. E nas zonas do litoral, onde ocorreram perdas nas culturas devido ao stress hídrico, os camponeses fazem a ressementeira.

São Nicolau, que registou boas chuvas em Agosto (superior a 200 milímetros), há zonas onde as plantas estão em fase de franco crescimento vegetativo. Noutros campos, prosseguem as sementeiras e as germinações do milho e feijões.

Na ilha Brava, os camponeses continuam a lançar mais sementes ao chão nas zonas baixas, enquanto que nos estratos húmidos e sub-húmidos as plantas estão em fase de ramificação e floração. E, devido à queda tardia das chuvas, na Boa Vista e no Maio só agora as sementeiras entram em bom ritmo.

Portanto, à exceção da ilha das montanhas, os agricultores e técnicos de Cabo Verde mostram-se bastante animados com o andamento da campanha agrícola. Ainda não se identificou nenhum grande ataque de gafanhotos, as condições climatéricas têm sido favoráveis e a vontade de lançar sementes ao chão continua em alta.

João Almeida Medina

São Miguel arranca com o 3º Ciclo em pleno

Pela primeira vez a Escola Secundária de São Miguel vai ter, este ano lectivo (2005/2006), o terceiro ciclo por completo. Já no ano passado aquela instituição arrancou com o 11º ano mas a partir de agora, segundo garante a directora das escolas secundárias, Lúcia Évora, *“os alunos de São Miguel vão poder concluir os estudos secundários no próprio concelho”*.

Com o arranque do 12º ano, muitos dos alunos deixam de percorrer todos os dias vários quilómetros para assistir às aulas. Razão mais do que suficiente para algumas famílias de S. Miguel estarem satisfeitas com a introdução do ensino secundário por completo naquele concelho. *“Os alunos, além de passarem a poupar dinheiro com os gastos de transporte, passam a ter mais tempo para os estudos”*, comenta um munícipe.

Segundo o director da Escola Secundária de São Miguel, João Damata da Veiga, para este ano lectivo (2005/2006) estão previstas oito turmas do terceiro ciclo, sendo cinco do 11º ano e três do 12º.

De acordo com informações do Ministério da Educação, o terceiro ciclo já foi alargado a todo o país e agora é uma realidade em praticamente todos os concelhos. Este ano foi também a vez de mais dois concelhos, o da ilha do Maio e o de Mosteiros (Fogo) passarem a ter o mesmo privilégio.

AC



Crianças acampam na “Quintinha do Madeiral”

Crianças e adolescentes de todos os bairros e localidades da ilha de São Vicente, com idade compreendida entre os 9 e os 16 anos, acampam de hoje, sexta-feira, até ao próximo domingo, 18, na Quintinha do Madeiral. Esta actividade é organizada pela AASUL, Associação de Solidariedade da Universidade Lusíada, de Lisboa, que realiza actividades em Cabo Verde, mais concretamente em São Vicente, há vários anos.

O acampamento estará estruturado em dois grupos, sendo o primeiro formado por crianças entre os nove e os 12 anos e o segundo dos 13 aos 16 anos. A par do convívio com as crianças da Quintinha do Madeiral (nesta primeira fase o centro acolhe seis crianças, embora tenha capacidade para albergar 18), os *“campistas”* desenvolverão actividades lúdicas e educativas. *“A AASUL tem uma vasta experiência no trato com crianças de São Vicente, particularmente dos bairros e localidades mais carentes. Basta dizer que*

todos os anos organizam escolas de Verão no Lar Nho Djunga, Salamansa e outras localidades”, indica Conceição Vicente, responsável da Quintinha do Madeiral.

Conceição Vicente mostra-se ainda mais entusiasmada pelo facto de estar o acampamento a acontecer numa altura em que a Quinta está em pleno funcionamento. O Centro de Acolhimento mantém seis crianças sob os seus cuidados e a ludoteca móvel tem vindo a percorrer os bairros da ilha de São Vicente levando uma *‘lufada de esperança’* às crianças. *“Temo-nos deslocado aos bairros acompanhados de monitores que nos ajudam a entreter as crianças carentes que normalmente não têm acesso ao teatro e a algumas brincadeiras. Em Julho, por exemplo, em parceria com o Teatro Infantil do Mindelo fizemos espectáculos de fantoches e jogos para as crianças do Alto de São João”*, conclui.

CP

